



# Cientista e documentarista

Em 1910, Carlos Chagas filmou pacientes em Lassance, cidade onde descobriu a doença que leva seu nome

**Neldson Marcolin**

A sessão solene realizada na Academia Nacional de Medicina (ANM) de 31 de outubro de 1910, no Rio de Janeiro, esteve repleta de novidades. E todas entraram para a história da instituição de 185 anos. A primeira delas foi a admissão de Carlos Chagas, médico e pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), como membro da ANM, mesmo sem haver vagas disponíveis, fato sem precedentes. O convite partiu do presidente da agremiação, Miguel Pereira, que havia visitado com outros acadêmicos, meses antes, a região de Minas Gerais onde Chagas descobriu a doença que ficaria conhecida pelo seu nome. O segundo fato novo é que o pesquisador fez na academia sua primeira conferência sobre a doença para seus pares. No mesmo dia ocorreu a inauguração da iluminação elétrica no local. Por fim, o mais novo acadêmico exibiu um filme de nove minutos com imagens de doentes da cidade de Lassance (MG) para ilustrar sua preocupação com a degeneração da saúde humana provocada pelo parasita *Tripanossoma cruzi*. O hoje intitulado *Chagas em Lassance* é um dos primeiros documentários científicos realizados no Brasil.

Chagas ampara criança doente no filme feito por ele em 1910 e exibido na ANM e em Dresden



1 O pesquisador caminhando em direção ao hospital de Lassance

2 Posando para foto em seu laboratório, em 1929

filme em que as crianças tentam ficar em pé e caem. “A ideia de que essa situação era produzida por doenças evitáveis introduziu uma perspectiva diferente no debate sobre a saúde da população: o Brasil pode ser curado, não estamos condenados ao atraso e é possível, por meio da ciência, superar essa situação”, disse Simone no filme de Stella e Thielen.

O filme de Chagas não foi uma extravagância. Era importante trazer as imagens dos doentes do interior do Brasil para serem vistas na capital federal. Oswaldo Cruz sabia disso e, apaixonado por fotografia, mantinha um fotógrafo contratado no IOC, J. Pinto. O rico material iconográfico produzido desde os primeiros anos do instituto resultou no livro *Vida, engenho e arte – O acervo histórico da Fundação Oswaldo Cruz (COC/*

*Fiocruz*, 2014), organizado por Fábio Iglesias, Paulo Roberto Elian dos Santos e Ruth B. Martins. A obra tem imagens da construção do castelo de Manguinhos, cenários, personagens da história da fundação, coleções e um fotograma de *Chagas em Lassance*, raríssimo exemplo de um filme brasileiro científico antigo.

Os pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) Stella Oswaldo Cruz Penido e Eduardo Vilela Thielen, também diretores de cinema, começaram a procurar *Chagas em Lassance* no começo dos anos 1990. “Foi durante a realização de outro documentário, *Chagas do Brasil*, que tivemos conhecimento da existência dessas filmagens de Chagas”, conta Stella. “Iniciamos uma pesquisa nos arquivos disponíveis e nessa procura Carlos Chagas Filho nos trouxe uma cópia em 16 milímetros do filme feito pelo pai em 1910, que foi restaurada e depois digitalizada.”

Eles então produziram e dirigiram *Cinematógrafo brasileiro em Dresden*, de 21 minutos, em 2011, 100 anos depois da exibição de *Chagas em Lassance* na Exposição Internacional de Higiene em Dresden, na Alemanha. O documentário traz o depoimento de pesquisadores sobre as campanhas contra a febre amarela conduzidas por Oswaldo Cruz no Rio, mostra registros de um filme de autoria

desconhecida com essas atividades na década de 1900 e conta da repercussão de *Chagas em Lassance*, exibido várias vezes na exposição alemã para um público europeu variado.

“O filme deve ter sido feito com uma câmera de madeira, francesa ou alemã, a manivela, rodando 16 quadros por segundo com uma objetiva focal fixa e filme monocromático”, segundo análise de Hernani Heffner, conservador-chefe da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio, que fala no *Cinematógrafo brasileiro em Dresden*. “A apresentação dos doentes de forma crua e direta, que não esconde nada, é absolutamente franca com a plateia.”

Carlos Chagas aparece rapidamente na película, de terno branco e chapéu, amparando uma criança (foto na outra página). As imagens mostram crianças e jovens com distúrbios neurológicos e dificuldades motoras. Chagas chamava esses problemas de “forma nervosa da tripanossomíase

americana”. “Na época, as duas doenças ocorriam no mesmo local: o mal de Chagas e o bócio, este decorrente da falta de iodo nas regiões afastadas do mar, que comprometia o sistema nervoso e a mente em formação das crianças”, explica José Rodrigues Coura, chefe do Laboratório de Doenças Parasitárias do IOC. “As duas doenças, mescladas, levaram o grande cientista a confundi-las.”

Simone Kropf, historiadora das ciências da Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, conta que se sentiu impactada com as cenas do



2